

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Manoel, Bernardo de Orey, 1969-

Universalmente hospitalário

<http://hdl.handle.net/11067/5857>

<https://doi.org/10.34628/724v-1m58>

Metadados

Data de Publicação	2021
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-28T00:04:22Z com informação proveniente do Repositório

UNIVERSALMENTE HOSPITALÁRIO

Bernardo d'Orey Manoel

Resumo: O outro E eu, não o outro OU eu, Perguntar desenhando, descrever desenhando, validar desenhando, Desenhando tentar - e falhar e tentar e ... o restante não é assunto nosso.

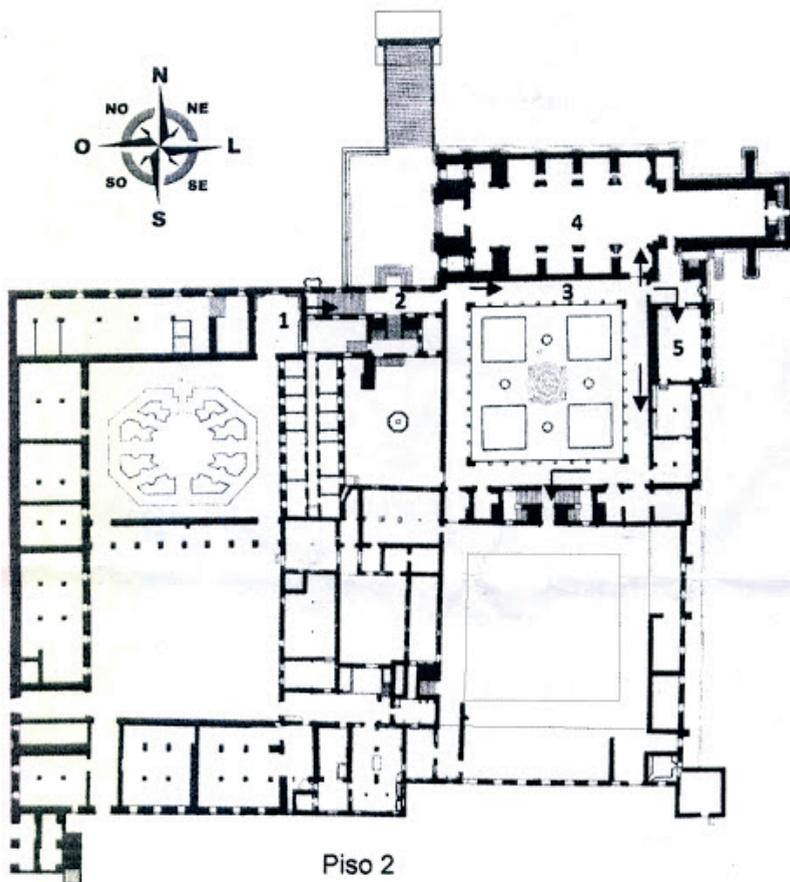
Exceto a felicidade dos momentos, comuns, de silêncio.

Abstract: The other AND me, not the other OR me, Asking by drawing, describing by drawing, validating by drawing, By designing, trying - and fail and try again, and ... the rest is not our business.

Except the happiness of the common moments, in silence.

“Criam-se barreiras de autodefesa de tal modo que deixa de haver o Mundo para existir apenas o “meu” Mundo; os outros deixam de ser considerados seres humanos com a dignidade inalienável passando a ser apenas “os outros.”

*Todos os Irmãos
Encíclica Social do Papa Francisco; outubro 2020*



Mosteiro de Tibães - Planta piso 2

É sintomático que nesta fase pandémica das nossas vidas dependamos, para a nossa segurança, de uma matéria absolutamente volátil – o álcool – matéria e volatilidade. Pergunto de que maneira a arquitetura vai lidar, na tríade de variáveis que é a sua, com o conceito de Matéria e que tipo de relação estabelece a Matéria com a Luz e a Proporção?

A nova condição humana questiona o nosso ofício enquanto construtores de abrigos – a que necessidades percebidas agora e a que necessidades desconhecidas do futuro, mais ou menos próximo, devemos responder enquanto arquitetos produtores de beleza inspiradora?

Como na experiência social não podemos criar lugares de defesa mas antes, espaços de diálogo; ouvimos, procuramos entender

e articular, solidariamente pondo em contacto e cordial e generosamente acolhemos. É entender o limite, o estabelecimento da distância entre o outro e mim, como condição de *re*-união, como lugar da inevitabilidade no acontecer do encontro.

Somos infinitamente mais ricos quanto maior for a nossa capacidade de produzimos sínteses inclusivas da diversidade e quanto maior a diversidade de sínteses que incluímos e promovemos – a diversidade de cada proposta converge com as restantes na metodologia – Leitura crítica e busca de fundamento e justificação para as nossas opções.

A escala do olhar tem de ser ampla para ser sustentável enquanto raiz de pensamento reflexivo, fonte de investigação e suporte de processo. A amplitude do nosso olhar primeiro promove a integração porque, ao alargar horizontes, contém mais; a arquitetura é *co*-existência e deve promover uma leitura da paisagem não monolítica, mas enquanto expressão de identidade cultural em respeito fundada – a paisagem entendida como imanência inclusiva.

Assim, a necessária expressão identitária, passível de ser lida na proposta espacial, não aceita o outro porque há partida o respeita e logo, integra gerando uma nova síntese identitária.

Proponho:

Arriscar.

Sustentado por pensamentos críticos com fundamento social, porque fundado no humanismo incondicionalmente inclusivo e relacional, cultural, cultura entendida como lugar de encontro de diferentes e confronto (pôr frente a frente) que a ambos engradece, temporal dado que nos suportamos na consciência histórica fundada na memória como base do pensamento e fonte de saber,

Acolher

Temos de aprender (re-aprender?) a incorporar o contraditório, disponíveis que devemos estar para em sã convivência aceitarmos
o outro e eu
e não,
o outro ou eu.

Corolário:

Encontro(s) na(s) pergunta(s)

As sínteses que são importantes construir são aquelas que se mostram suportes físicos das nossas vidas enquanto pessoas, indivíduos em relação fraterna, promovendo a felicidade e o bem comum – Lugares de Encontro. Num contínuo aprender, sintetizar a partir de perguntas:

Porquê?

Para Quê? e

Como?

Perguntas que a cada tentativa de resposta induzem um novo começo às vezes fundado em falhanços.

Ou no silêncio!

Humankind cannot bear very much reality.

Quartets

T.S.Elliot